Acervo ISA

O ESP
10/2/97
436
A-10

SOCIEDADE

Livro conta romance entre índia e antropólogo

Em "Dentro do Coração", Kenneth Good narra tentativa de Yarima de se adaptar à civilização

RENAN ANTUNES DE OLIVEIRA
Especial para o Estado

NOVA YORK — O juiz de paz perguntou se o noivo, Kenneth Good, aceitava como mulher a índia Yarima Armas. "Yes", foi a resposta do antropólogo norte-americano. A cerimônia quebrou suas regras quando o noivo, e não o juiz, fez a mesma pergunta à noiva. Era necessário, já que só ele falava a língua dela, o ianomâmi. Yarima respondeu à moda índia: "Quando você não puder mais levantar da rede, prometo fazer tudo para alimentá-lo: buscar água no rio, recolher mel e frutas das árvores e caçar na floresta." O juiz aceitou a promessa como um sim e os declarou "marido e mulher, até que a morte os separe", de acordo com as leis do Estado da Pensilvânia.

O casamento foi em 1987. Teve juras de amor originais, mas acabou de forma banal: Yarima fugiu de casa, abandonando o marido e três filhos pequenos. Criada na selva amazônica, ela tentou de tudo para se adaptar aos EUA, onde viveu cinco anos. Sumiu porque estava farta de um mundo tão esquisito, onde era preciso abrir torneiras para conseguir água, obter comida em supermercados, cozinhar em forno de microondas.

A história de amor entre o antropólogo e a índia, ambientada em dois mundos tão diferentes, foi contada em livro e acompanhada por milhões de pessoas por meio da imprensa americana, no final da década passada. Todo mundo pensava que ela estivesse morta, depois de seu dramático desaparecimento na floresta, em 1993 — ela sumiu sem dizer nada, durante a gravação de um especial de TV.

Emoção — A novela continua: Yarima, a primeira ianomâmi a sair da floresta amazônica para viver no Primeiro Mundo, foi encontrada por uma expedição americana, em novembro, numa aldeia do lado venezuelano da selva. Está outra vez entre os seus.

A descoberta de Yarima viva emocionou a família e agitou os antropólogos do Museu Americano de História Natural, que acompanharam seu processo de adaptação à civilização. Mas o encontro foi frustrante: Yarima não quis papo com cientistas. Já tem outra família ianomâmi. Não quer voltar.

O fotógrafo brasileiro Valdir Cruz, integrante da expedição que a encontrou, foi o primeiro a falar com ela. "Yarima parece feliz e bem readaptada à vida na selva", disse. Outra expedição está na floresta amazônica desde a semana passada, levando-lhe uma mensagem gravada pela família, mas ninguém aposta que ela volte.

No livro *Dentro do Coração*, publicado em 1991, o antropólogo conta parte da tentativa de Yarima de se adaptar à civilização. Os dois se conheceram em meados de 1977. Ela tinha 8 anos, ele quase 35. Ele levava a menina para caçadas e pescarias.

"Eu era uma garota quando vi Kenny (apelido de Good) pela primeira vez. Nós (ela, irmãos e primos) rimos muito de sua pele branca e porque ele era tão grande (tem cerca de 1m85, ela 1m48)... Nós o ajudamos a construir sua casa, mas ele gritou conosco porque comemos a parede... (os índios comem um tipo de barro usado por Good como cimento)... Como ele gritava muito, mas nós não entendíamos nada, o chamávamos de 'homem da língua fantasma'"... (Yarima, em trecho do livro).

NO CASAMENTO, ELA FOI MOTIVO DE PIADA

Good viveu 11 anos na floresta. Aprendeu a língua, adotou os costumes índios, abandonou suas pesquisas como antropólogo. Tomou Yarima como mulher quando ela entrou na puberdade, segundo os costumes. Ele jura que só fez sexo com a menina depois do casamento.

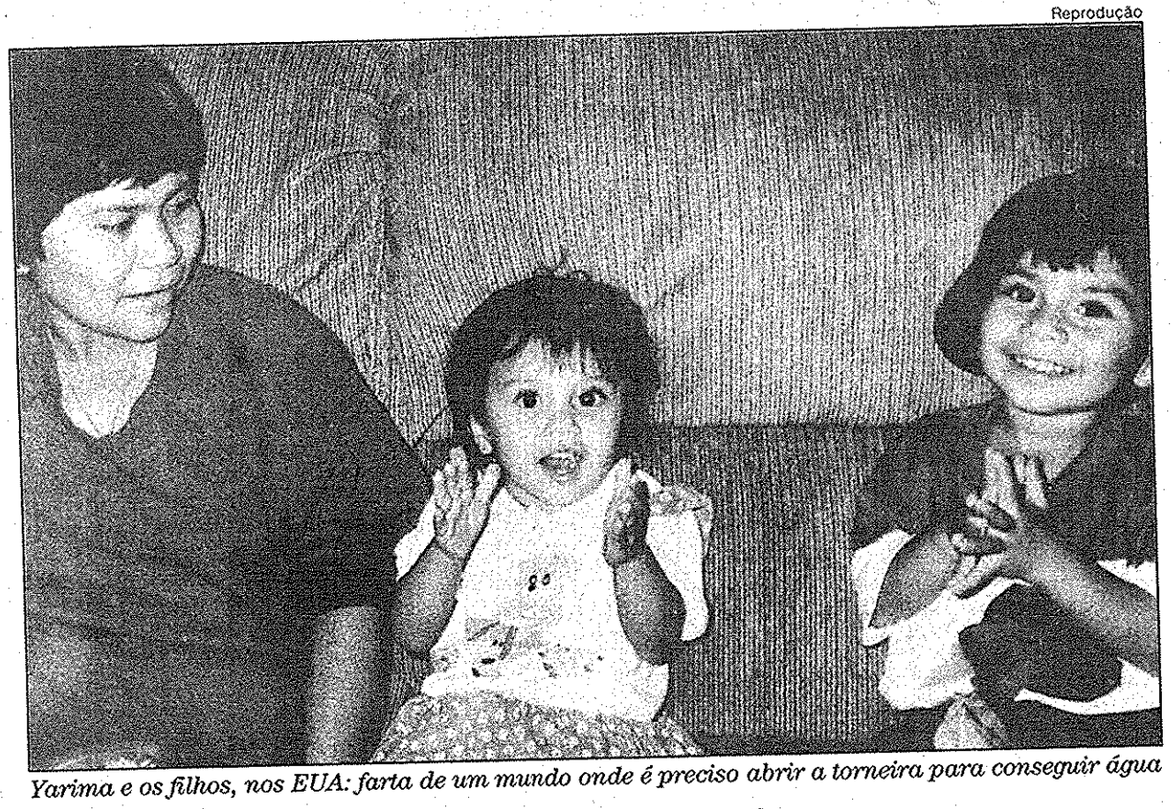
O envolvimento de um antropólogo quarentão com uma indiazinha adolescente chocou os padres das missões, provocou ciumeira nos caciques e a ira da Funai venezuelana — ele foi expulso da selva. Os dois viveram juntos sete anos, interrompidos por um período trágico. Yarima foi raptada por outros índios, ficando dois anos como escrava sexual deles, outro costume local.

Quando Good conseguiu retomá-la, oferecendo machados, lanternas e redes aos captores, uma surpresa: a raptada não queria mais voltar. A mãe da moça recomendou ao marido que lhe desse uma boa surra, a solução índia.

Good usou só a lábia para recuperá-la. Em seguida, Yarima engravidou. Sua mãe ordenou-lhe então que fosse ter o bebê "na aldeia do marido". Para arrancá-la da selva, Good precisou vencer a burocracia. O governo levou quase um ano para conceder-lhe passaporte. O documento saiu com o sobrenome Armas, invenção de Good.

O primeiro contato direto de Yarima com as instituições da civilização foi com a polícia. Adolescente, grávida, sem falar nenhuma língua exceto ianomâmi, ela passou por uma experiência traumatizante: foi presa para interrogatórios assim que botou o pé numa cidade venezuelana.

Reprodução



Yarima e os filhos, nos EUA: farta de um mundo onde é preciso abrir a torneira para conseguir água

Reprodução

Good e Yarima, quando se conheceram: ela fugiu sem dizer nada

A confusão era com o marido, que as autoridades tentavam processar por abuso de menor — ela mesma. Os policiais queriam que ela confessasse alguma coisa que incriminasse Good. Yarima não entendia nada. Para aterrorizar a menina, ameaçaram jogá-la num enorme buraco e botar-lhe uma pedra em cima.

Mudança — Good safou-se do rolo. Ele e a mulher viajaram para Caracas, primeira etapa da mudança para os EUA. Yarima agüentou bem o choque. "Na hora em que subi no avião, botei a mão nos olhos; depois, não tive mais medo", contou.

Quando olhou pela janela, no aeroporto de Caracas, Yarima disse que o povo lá embaixo caminhava "como as formigas, depressa, em todas as direções". Desembarcando, mais surpresas, na esteira de bagagens. "As nossas coisas saíam de um buraco negro, era preciso muita coragem para pegá-las."

Na rua, Yarima continuava índia: "Depois de crescer caminhando em fila nos caminhos da floresta, ela não conseguia andar do meu lado, só atrás", contou Good. Além do hábito, ela também tinha medo dos policiais fardados. Vendo mulheres policiais, Yarima perguntou com ingenuidade: "Onde estão as crianças policiais?"

Aos poucos, ela foi entendendo o novo mundo. Provou Coca-Cola, fez cara feia. Rejeitou doces e balas. Nunca tomou leite de saquinho: os ianomâmis só bebem leite de mãe. Se Yarima se deu mal com a comida, adaptou-se logo à tecnologia: vendo seu bebê num exame de ultra-som, teve a curiosidade de toda mãe e perguntou: "É menino ou menina?"

Filme — O desembarque no aeroporto John Kennedy, em Nova York, em outubro de 1986, é outra cena marcante da vida dela. Vai estar tudo no filme que o marido negociou com a Columbia Pictures. Nos últimos dias da gravidez, Yarima provocou a suspeita do pessoal de imigração, com seu nome espanholado e seu silêncio.

Na Pensilvânia, um dia, a sogra leva a nora índia para dar-lhe um banho de loja. As duas se tornam a atração do shopping center. A ianomâmi escolhe apenas uma roupa, supreendendo a sogra pela modéstia. Foi duro encontrar-lhe sapatos: Yarima calça 33, abaixo do menor número disponível às mulheres americanas.

Motivo de piada — Veio o casamento. Novo obstáculo para Yarima, incapaz de assinar a certidão. Fez duas bolinhas, em vez de um xis. As diferenças entre as culturas explodem no banquete. Num restaurante elegante da Rua 23, a noiva comeu só frutas, com as mãos, se lambuzando toda, virando motivo de piadas entre os presentes.

Durante os quase cinco anos em que viveu nos EUA, Yarima tentou adaptar-se à mudança de vida, brutal para quem saiu da idade da pedra. A única coisa que ela fez que provavelmente teria feito na selva foi parir - teve três filhos, hoje com idades entre 10 e 6 anos, David, Vanessa e Steven.

Quando os dois chegaram aos EUA, Good estava sem dinheiro e desempregado, banido pela comunidade antropológica. Com o dinheiro do livro e da venda da história dela para o cinema, ele comprou casa, carro e mordomias. Hoje, aos 54 anos, leciona em New Jersey, onde vive com as crianças — todos bem adaptados a sua tribo urbana.

Yarima, aos 28 anos, está na floresta. Se ela sente falta das crianças americanas, não disse. Anda nua pela mata, pintada da cabeça aos pés — suas únicas jóias são de madeira, pedacinhos de pau fincados no rosto e nas orelhas.

Relacionamento amplia discussão ética no Brasil

Casamento entre antropólogo e índia alimenta polêmica entre cientista e objeto de estudo

PABLO PEREIRA

A polêmica nas universidades norte-americanas sobre a relação afetiva do homem branco de Primeiro Mundo, Kenneth Good, com a mulher índia do Terceiro Mundo, Yarima ianomâmi, alimenta discussões também no Brasil. Acadêmicos ligados à moderna antropologia acreditam que o caso pode ajudar a ampliar um debate ainda incipiente no país sobre adaptações de conceitos dessa ciência, como os mitos do antropólogo fantasma ou do antropólogo assexuado, pregados pela observação participante do especialista polonês Bronislaw Malinowski.

"É preciso haver uma discussão que leve a uma sintonia fina no estudo antropológico", defendeu na semana passada Vagner Gonçalves Silva, professor de antropologia da Universidade de São Paulo (USP). "Hoje, as comunidades estudadas têm acesso aos relatórios das pesquisas e cobram resultados dos estudiosos", argumentou. Para Silva, a antropologia passa hoje por um processo de dúvidas sobre qual deve ser o papel do etnógrafo nas comunidades estudadas. "Essa tendência é mais forte nos EUA, mas já começa a ocorrer também entre nós", afirmou.

O professor prepara uma tese de doutorado, que deve concluir dentro de um ano e meio, sobre o tema. Ele estuda a relação entre o antropólogo e o que Malinowski chamou de "objeto do estudo", ou seja, os nativos membros de aldeias ou comunidade exóticas. Silva definiu o candomblé para desenvolver o estudo. "Essa expressão 'objeto de estudo' é vista hoje como preconceituosa", alegou.

As dúvidas sobre esses mitos surgiram com força depois da publicação de correspondências de Malinowski, em 1967, nas quais o antropólogo polonês que fez carreira na Inglaterra confessava ter sentido desejos sexuais, raiva e ódio, e reclamava das agruras do trabalho de campo. A publicação dos diários do homem que revolucionou a antropologia, criando a observação participante como fundamental para o estudo, abriu as portas para discussões internas.

YARIMA NÃO É UM OBJETO, DIZ ESPECIALISTA

Malinowski havia influenciado gerações de antropólogos com seus conceitos, principalmente a partir da publicação, em 1922, do livro *Argonautas do Pacífico Ocidental*. O livro conta as impressões obtidas por ele em pesquisa de campo com nativos da Nova Guiné, feitas nos anos 20.

"No caso de Yarima e de Good, é preciso saber até que ponto o envolvimento deles influenciou no resultado do trabalho científico do antropólogo", justificou Silva. "Se você concluir que ele usou o relacionamento para tirar proveito profissional, aí se pode falar de manipulação", disse. "Mas, e se não foi isso que ocorreu?", perguntou. "Dizer que é antiético só porque, a priori, não se pode se relacionar com um informante é viver numa redoma."

Absurdo — "A situação do casal está sendo abordada de forma absurda", afirmou a antropóloga Dominique Gallois, belga naturalizada brasileira. "Good vê o envolvimento com Yarima de uma forma muito tranqüila."

A antropóloga afirmou ter conversado com Good sobre o assunto há alguns anos. "Ela não é um objeto e saiu da tribo por opção", contou. Dominique acredita que as críticas feitas ao comportamento de Good pelo antropólogo Napoleon Chagnon, que o acusou de ter faltado com a ética ao envolver-se com a mulher, são equivocadas. "Chagnon tenta provar a tese de que os ianomâmi são predispostos ao machismo", atacou a antropóloga.

A antropóloga disse ainda que Yarima está sendo tratada como se fosse um objeto, sem expectativa. "Hoje a gente vive um papel insuportável de achar que se tem de protegê-los porque são índios", protestou. "Querer isolar os índios não contribui em nada para a preservação da cultura deles."